

Discriminação ou segurança?

Ultimamente, grandes eventos sociais andam chamando a atenção da mídia seja como forma de manifesto ou como entretenimento. O que é mais retratado é a confusão que acontece nesses eventos sociais por parte das pessoas que estão no movimento. O tão comentado “rolezinho” é um dos exemplos mais recentes do que um evento social simples pode se tornar e a repercussão que ele pode ter.

O rolezinho foi um evento criado, inicialmente, por três adolescentes que tinham seus perfis na rede social Facebook com muitos amigos. Esses três adolescentes eram considerados famosos na rede social, pelos seus milhares de seguidores e a grande repercussão que suas postagens e fotos tinham na rede.

Como já foi constatado em outros momentos, as redes sociais tem um poder inestimável de mover as pessoas socialmente e ‘promover’ eventos sociais, como aconteceu nas manifestações do ano passado (2013), que levou milhares de pessoas às ruas para protestar por seus direitos. Porém, esses três jovens não tinham ideia dessa repercussão quando marcaram um encontro de seus “fãs” no Shopping Metrô Itaquera, onde cerca de 6 mil adolescentes se reuniram.

A intenção era reunir os amigos e fãs para se conhecerem, tirarem fotos e interagirem. Porém, como a quantidade de pessoas que apareceram foi algo fora do comum e do esperado pelos organizadores, as coisas começaram a sair do controle e houve confusão. Na internet, pessoas diziam que houve ‘arrastão’, mas a própria administradora do shopping negou esse fato, apesar dos lojistas terem fechado suas portas com medo do grande movimento de jovens. A situação piorou quando outros rolezinhos foram marcados em diferentes shoppings e cidades. Em todos, houve confusão por falta de organização e, por se tratarem de jovens, que se manifestam com muitas gargalhadas, gritos, movimentos bruscos demonstrando seu entusiasmo exageradamente, os seguranças e os administradores dos Shoppings ficaram preocupados.

Os rolezinhos levantaram outra questão muito importante que já tinha sido discutida diversas vezes em outras situações: todo cidadão, independente da idade, classe social, ou vestimenta, tem direito de ir e vir em espaços públicos, mas isso é de algum modo assegurado? Ou nas leis há sempre uma exceção que classifica as pessoas de diferentes modos e fere seus direitos?

É óbvio prever que se há confusão dentro de um Shopping Center, por um movimento adolescente de mais de 6 mil jovens, os outros administradores prestariam mais atenção a seus frequentadores para controlar quem entra e quem sai e procurariam um modo que a lei os defendesse para não julgá-los por alguma discriminação. O primeiro Shopping a conseguir uma liminar que o protegesse desses encontros sociais é o da elite paulistana, o Shopping JK Iguatemi.

Depois das informações caírem na boca dos jovens o rolezinho começou a seguir outros caminhos que já não estavam na mão dos três famosinhos do Facebook. Agora, além dos jovens darem depoimentos dizendo que estão ali para se conhecerem, também dizem que tem o direito de andar pelo shopping como qualquer outra pessoa e que impedi-los disso é descriminá-los por seu modo de vestir ou de onde vieram.

Nada disso justifica a forma agressiva como os jovens foram “expurgados” dos shoppings por policiais e seguranças, que, sem orientação devida usaram armas de efeito moral, bateram nos adolescentes com cassetetes e agiram de forma totalmente inadequada. O Governador Geraldo Alckmin, ao ser questionado sobre essa ação violenta dos policiais, apenas “tirou seu cavalinho da chuva”, defendendo que só deve haver ação policial caso ache depredação, deixando ao léu quem deu as orientações erradas aos seguranças e policiais.

Depois da repercussão do rolezinho, vários shoppings centers conseguiram liminar para impedir esses encontros com pena de multas por participantes, fora o ato de alguns outros de impedir a entrada de menores de idade desacompanhados dos pais.

Os jovens têm direito sim, de se encontrarem para interagirem, se conhecerem, exercer a função mais fundamental da adolescência, assim como os administradores dos Shoppings também têm o direito de defender seu estabelecimento conforme o que está ao seu alcance. Porém, tudo tem de ser feito de modo correto e íntegro, sem discriminar qualquer pessoa por sua origem ou sua vestimenta, nem mesmo com as pessoas com quem anda.

Todas as pessoas têm o direito de ir e vir, e pra ser justo em questão dos rolezinhos é preciso se colocar no lugar de todos os envolvidos na situação: os frequentadores dos shoppings que não entendem o que está acontecendo, assim como os lojistas que fecham as portas com medo do que possa acontecer, os administradores que tentam organizar tudo do modo menos discriminativo possível e dos ‘rolezeiros’, que querem apenas aproveitar a área de lazer para se encontrarem e se divertirem.

Não há como saber quem está certo ou quem está errado, somente quem esteve lá, porém não deve haver injustiças.

O rolezinho pode ser uma manifestação social, mas não tem um propósito político definido, entretanto, ele traz à tona as questões dos preconceitos sociais porque coloca em questão a igualdade de direito que cada um tem por individualidade e comunidade.

Por Lucas Florentino de Souza